



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
Departamento do Patrimônio Imaterial
Coordenação Geral de Identificação e Registro

Parecer nº002/10/CGIR/DPI/Iphan

Assunto: Processo nº 01450.000715/2010 -15 referente ao Registro da
Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - Goiás

À Sra. Coordenadora de Registro, da Coordenação Geral de Identificação e Registro, do Departamento do Patrimônio Imaterial, encaminho o seguinte PARECER:

Trata-se de parecer conclusivo da etapa de instrução técnica do processo de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Goiás, que começou em 2007, a partir da aprovação do orçamento do Iphan, no qual foram previstos os recursos necessários para contratação da pesquisa e documentação da festa, por iniciativa da então 14ª SR, atual Superintendência do Iphan em Goiás. Tal iniciativa visava atender a demanda (dos pirenopolinos, de instituições culturais goianas e do próprio Iphan, expressas verbalmente) pelo reconhecimento da Festa de Pirenópolis como patrimônio cultural nacional, por ser uma das mais tradicionais e expressivas celebrações do Divino Espírito Santo no Brasil, conforme a opinião de folcloristas e estudiosos da cultura popular.

Instituída assim, como Ação de Registro inscrita no orçamento, ainda sem o processo administrativo instaurado, esta proposta de Registro foi apreciada pela Câmara do Patrimônio Imaterial¹, em sua 9ª Reunião, realizada nos dias 11 e 12 de fevereiro de 2008.

A pesquisa

No mesmo mês de fevereiro começaram os trabalhos de pesquisa e o treinamento das equipes contratadas na metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, pelo DPI. As empresas, contratadas mediante licitação, foram a *Restarq – Restauração, Arquitetura e Arte Ltda.*, responsável pelas pesquisas, e a *Set de Filmagens*, responsável pela documentação audiovisual. A primeira constituiu uma equipe multidisciplinar, com quatro pesquisadores e uma estagiária, todos residentes em Pirenópolis, conforme pré-requisito da metodologia do INRC. A Set manteve em Pirenópolis um fotógrafo, que se incorporou eventualmente à equipe de pesquisa, durante os trabalhos de campo, cobrindo as entrevistas, e depois vários cinegrafistas e fotógrafos durante o período de clímax da Festa, boa parte dos quais havia participado do treinamento do INRC. Os trabalhos foram gerenciados pelo Chefe do Escritório Técnico do Iphan em Pirenópolis, sob a coordenação de uma historiadora da 14ª SR e a supervisão do Departamento do Patrimônio Imaterial – DPI/IPHAN².

A pesquisa e documentação da Festa do Divino de Pirenópolis foram realizadas em 2008, cobrindo todo o período de preparação e ocorrência das celebrações. Foram identificados, e documentados em fotografia e vídeo, seus elementos constitutivos atuais, como também suas origens e processo histórico de ocorrência e

¹ A Câmara do Patrimônio Imaterial é a instância assessora técnica do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, constituída de quatro conselheiros e de dirigentes do DPI, conforme o Art.5º da Resolução 001/2006. Cabe a ela analisar a pertinência das propostas de Registro.

² Ver créditos com nomes e funções dos profissionais que participaram dos trabalhos no Relatório do INRC, no Dossiê descritivo e nos vídeos editados.

transformações, seus produtores, suas motivações e os significados que eles atribuem à sua participação.

Enquanto transcorriam as pesquisas, foram mobilizados os produtores e participantes da Festa para a formalização da proposta de Registro, que resultaram na elaboração dos pedidos de Imperadores do Divino – de 1970 até 2009 –, do Instituto Cultural Cavalhadas de Pirenópolis, da Prefeitura Municipal de Pirenópolis e da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A estes se juntaram manifestações de anuência do Delegado local da AGEPEL – Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico, e da Câmara Municipal de Pirenópolis.

Durante a documentação das pesquisas e dos diversos rituais da festa também foram colhidas as devidas Autorizações de uso de imagem para o Iphan, conforme previsto na legislação.

Concluindo a etapa de pesquisa e sistematização do conhecimento produzido, a *Restarq* entregou, em dezembro de 2008, o Relatório do INRC e a primeira versão do Dossiê Descritivo. Sob análise técnica dos setores competentes, o Dossiê sofreu modificações até alcançar a sua versão final, em outubro de 2009.

As fotos digitalizadas e os documentários audiovisuais, editados em versões longa e curta, foram entregues pela *Set* na mesma época, final de dezembro de 2008. Após análise do material verificou-se a necessidade de ajustes. Especialmente a versão curta do documentário, precisou de alterações para chegar à forma recentemente concluída. Deve-se observar que o processo de reestruturação do Iphan, e particularmente, do DPI, contribuíram para o alongamento da etapa de conclusão desses produtos e conseqüentemente, da instrução do processo.

Cabe mencionar, ainda, que os festejos do Divino realizados em 2009 ocorreram dentro da normalidade, sem alterações significativas em seus eventos e rituais em



relação à festa de 2008, conforme relato verbal da equipe do Escritório Técnico do Iphan em Pirenópolis.

Afinal, a documentação reunida, produzida e sistematizada durante as pesquisas, conforme o Decreto 3.551/2000 e a Resolução 001/2006, foi encaminhada pela Superintendente de Goiás ao Presidente do Iphan, em 25 de janeiro de 2010, e passou a constituir o processo de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás, sob o número citado em epígrafe.

O corpo do processo está constituído pelos documentos originais dos pedidos de Registro e cartas de anuência, acima mencionados, pelos programas e convites da festa de 2008 e pelo Dossiê Descritivo ilustrado, além das correspondências de encaminhamento do Iphan. Os demais documentos e publicações, produzidos ou reunidos pela pesquisa, em diferentes suportes, constituem os seguintes anexos do processo:

- Anexo 1 – Relatório do INRC – 5 volumes – versão impressa
- Anexo 2 – Relatório do INRC – versão digital
- Anexo 3 – DVD de Fotos digitalizadas da Festa do Divino 2008 (1)
- Anexo 4 – DVD de Fotos digitalizadas da Festa do Divino 2008 (2)
- Anexo 5 – Programas da Festa (de 1991 a 2007, incompleto);
- Anexo 6 – Arquivo Digital de Cartazes da Festa (vários anos);
- Anexo 7 – Vídeo versão curta (25 min);
- Anexo 8 – Vídeo versão longa (1h50min);
- Anexo 9 – Arquivo Digital do Dossiê Descritivo;
- Anexo 10 – Autorizações de Uso de Imagem;
- Anexo 11 – *O Divino, o Santo e a Senhora*. Carlos Rodrigues Brandão, Rio de Janeiro: Funarte, 1978;



- Anexo 12 – As Artes do Divino de Pirenópolis – Goiás. Pesquisa e Texto de Ana Claudia Lima e Alves. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008, Catálogo de exposição – Sala do Artista Popular; n.142;
- Anexo 13 – *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Felipe Berocan Veiga, Niterói: Departamento de Antropologia/UFF, 2002 (Dissertação de Mestrado);
- Anexo 14 – *A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito*. Teresa Caroline Lobo, Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais – IESA/UFG, 2006, (Dissertação de Mestrado).

Desse modo, todo o conhecimento sobre a Festa do Divino de Pirenópolis e os requisitos para o seu Registro, em conformidade com a legislação, estão devidamente contemplados no presente processo. Não se pode deixar de mencionar que para tanto foi decisivo o empenho da equipe de pesquisa, sub-dimensionada em relação ao número de eventos, rituais e dispersão espacial da Festa, que muitas vezes ocorreram (e ocorrem) simultaneamente em diferentes lugares³. Mesmo apoiada pelo pessoal do Escritório Técnico do Iphan, a equipe de pesquisa teve que se desdobrar. O alto nível do seu desempenho se traduz na quantidade e qualidade do conhecimento sistematizado, como também na documentação produzida pela equipe da Set de Filmagens, que chegou a mobilizar mais de 20 integrantes nos momentos de pico da Festa.

As festas no Brasil

Ao apresentar os fatos que, em nossa visão, justificam o reconhecimento da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como patrimônio cultural brasileiro, quero

³ Ver a Introdução do Dossiê Descritivo, e nela a descrição do Trabalho de Campo. Para ter uma idéia melhor do fôlego exigido da equipe para o acompanhamento da Festa ver o Relatório do INRC.

começar refletindo, ainda que brevemente, sobre o significado das celebrações no conjunto das expressões da cultura. Para muitos estudiosos das ciências humanas, as festas populares são uma expressão essencial da identidade cultural das sociedades que as produzem. Especialmente para Mikhail Bakhtin (1999), que se debruçou sobre *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, as festividades, qualquer que seja seu tipo, são uma forma primordial, marcante, da civilização humana*. Ele conta que *os festejos do carnaval ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval, como também as festas religiosas, que quase sempre possuíam um aspecto cômico popular e público, (...) habitualmente acompanhadas de feiras com seu rico cortejo de festejos públicos, durante os quais se exibiam gigantes, anões, monstros e animais sábios*.

Não vamos nos deter aqui no universo do Carnaval, um caldeirão de expressões sócio-culturais, cuja origem religiosa associada ao início da Quaresma já se perdeu no tempo e que, atualmente, dura quase o verão inteiro, em boa parte do território brasileiro. Até porque algumas de suas expressões mais emblemáticas já foram reconhecidas como patrimônio cultural do Brasil: o frevo pernambucano e as matrizes do samba no Rio de Janeiro.

Já as festas de santos, trazidas pelos colonizadores europeus como devoção religiosa e como expressão da sua cultura, popular e medieval, foram histórica e socialmente instituídas no processo de ocupação do território e de formação do Brasil, mescladas aos orixás africanos e às crenças religiosas de etnias indígenas, e assim reinventadas, miscigenadas, se espalharam pelo país inteiro. Entre essas se destacam especialmente as festas juninas – em torno de Santo Antônio, São João e São Pedro –, as de Nossa Senhora do Rosário – geralmente associadas aos Congados, e a São Benedito, ou Santa Ifigênia, “os santos de pretos”, cujas devoções têm origem no processo de cristianização das colônias africanas – e as do Divino Espírito Santo, popularizadas por todo o Brasil, a partir do século 17, por jesuítas e colonos açorianos.

Festas do Divino

O culto ao Divino Espírito Santo é uma rica expressão de religiosidade popular cristã, praticado em Portugal a partir do século 15, e daí, por extensão, nos Açores e no Brasil. Sua gênese está relacionada com o fim do ciclo agrícola, época festiva da colheita de cereais. Essas celebrações podem ser encontradas em muitas culturas agrárias do mundo e deram origem à festa judaica de Pentecostes. No dogma católico, o Espírito Santo integra a Santíssima Trindade, ao lado de Deus Pai e de seu Filho Jesus. Manifesta-se sob duas formas: como uma pomba branca, no batismo de Jesus por São João Batista (João, 1: 32, 33), e como “línguas de fogo”, quando baixou sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, após a crucificação de Cristo (Atos, 2: 1,4). Ganhou um sentido bíblico de desígnio espiritual e intelectual.

Conforme a descrição de Câmara Cascudo (1972), as formas rituais que configuram o culto ao Espírito Santo, desde sua origem em Portugal, variam em torno da composição básica da celebração, onde se destaca a figura do imperador, com sua coroa de prata, cetro e bandeira do Divino. Ele é o responsável pela realização da festa (e por isto também chamado de Festeiro), escolhido por sorteio entre os homens ou meninos do povo. A população local oferece-lhe pães, grãos e animais para os festejos, que geralmente envolvem grandes refeições coletivas. Grupos de músicos saem pelas ruas em folias, recolhendo donativos, levando estandartes vermelhos como o fogo do Espírito Santo. Nas procissões, crianças vestem-se de anjo, o imperador segue dentro de um quadro levado por virgens vestidas de branco. Uma *burlesca mascarada* sai pelas ruas. Ergue-se um imenso mastro com a bandeira do Divino no pátio principal da cidade, onde há farto lançamento de foguetes.

A historiadora Martha Abreu (1999) estudou o império do Divino e as festas religiosas no Rio de Janeiro, de 1830 a 1900. A festa do Espírito Santo conservava à época, e na mesma ordem de ocorrência, as folias, a coroação de um imperador e o império, símbolos principais do ritual da festa em Portugal. Conservava também as

comemorações profanas junto com os atos religiosos, a fartura de alimentos, leiloados ou vendidos no arraial da festa, além de uma preocupação genérica com os pobres da cidade.

Notícias da festa do Divino e de sua disseminação pelo território brasileiro foram divulgadas por inúmeros viajantes estrangeiros, dando conta de que o Espírito Santo era festejado de norte a sul do Brasil no século 19, sobretudo nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e nas áreas de imigração açoriana, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na obra "Festas e Tradições Populares no Brasil", Mello Moraes Filho (1979) informa que, *até 1855, nenhuma festa popular no Rio de Janeiro foi mais atraente, mais alentada de satisfação geral que a Festa do Divino.*

Nas celebrações, naquela época como hoje, as expressões de devoção religiosa e os rituais sagrados se misturam e se confundem com as manifestações profanas: as funções religiosas de missas, novenas e procissões estão sempre associadas a alvoradas, bandas de música, foguetório, folias (de grupos precatórios, que pedem esmolas para o santo) e procissões de bandeiras, levantamento de mastro, refeições coletivas, leilões de prendas, feiras e arraiais. Aí sempre há espaço para divertimentos variados: apresentações de teatro, música, circo, mágicos e malabaristas, encenações de autos e cavalhadas, parques de diversões, jogos e brincadeiras, bailes e mascarados.

Em qualquer tempo e lugar, para populações urbanas ou rurais, para os afro-descendentes e para as demais etnias formadoras da sociedade brasileira, as festas de santos são espaços de reencontro, de reiteração de identidade e sentidos de pertencimento. Nessas festas estão presentes a diversidade e a singularidade – nos vários modos de rezar, *festar* e de expressar a fé – e, ao mesmo tempo, a unidade, na recorrência das expressões de religiosidade e de devoção aos santos. Nessas festas nos fazemos mais brasileiros, pois elas agregam e articulam inúmeras expressões da cultura – nas comidas, bebidas, músicas, crenças, danças, nas encenações teatrais, nas cavalhadas, na decoração dos espaços rituais, dos

andores, ruas, arraiais – propiciadoras de redes de sociabilidade e solidariedade, de sentidos de lugar, de reprodução social e cultural. Segundo Marina de Macedo Soares, coordenadora da pesquisa e autora do Dossiê descritivo da Festa do Divino de Pirenópolis, “as festas organizam a economia, informam a geografia, a história, a tradição, e a memória local”, organizando assim as próprias estruturas sociais.

Em que pese o número, a diversidade, a popularidade e o significado dessas festas religiosas no Brasil – onde cada lugar, cidade, município tem, no mínimo, seu santo padroeiro – o único bem inscrito pelo Iphan no livro das celebrações continua sendo o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, registrado em outubro de 2004. A complexidade das celebrações e dos seus elementos constitutivos, e a consequente dificuldade em descrevê-las e documentá-las, talvez tenham se colocado como um obstáculo para potenciais propostas de registros, em relação às demais categorias de bens.

De fato, novas demandas para o reconhecimento de celebrações só começaram a chegar ao DPI em 2005, sendo que entre os 21 processos de Registro em andamento, 12 são de festas ou rituais religiosos, tanto de santos padroeiros quanto de devoções populares recorrentes em várias regiões do país⁴, como as já mencionadas.

Observei a vitalidade e extraordinária continuidade histórica das celebrações do Espírito Santo nas pesquisas que realizei, de 2000 a 2004, para o Mestrado de História Cultural, junto à UnB, que teve como objeto a expressão dos mascarados na

⁴ São eles: a Centenária Procissão de Senhor dos Passos, em Florianópolis, SC; a Festa de Sant'Anna de Caicó, RN; Festa de São Sebastião, do município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, PA; Festa de Nosso Senhor do Bonfim, como projeto inicial de reconhecimento das diversas festas de largo de Salvador, Bahia; Festa de São Benedito de Aparecida, SP; rituais vinculados ao uso da Ayahuasca, no Acre; a Celebração do Tooro Nagashi, na cidade de Registro/SP, que reúne rituais de homenagem aos mortos e antepassados de origem japonesa à celebração do santo padroeiro; Festas do Rosário e Congadas em Goiás, cujo inventário foi contratado pelo DPI; Congadas de Minas, pedido de Registro apresentado por alguns municípios da região do Triângulo Mineiro, sem pretensão de abranger a diversidade das expressões e localidades de ocorrência em Minas Gerais. Dois pedidos de Registro de Festas do Divino Espírito Santo, além da de Pirenópolis, objeto do presente processo, serão apresentados no texto, adiante.

Festa do Divino de Pirenópolis. A Festa continuava viva em vários lugares do Brasil, com variações em torno dos elementos comuns dos seus rituais sagrados e profanos, incluindo encenações de cavalhadas e mascarados. Acontecia em algumas cidades do Pará, Amapá, Piauí e Bahia, e era uma referência cultural no Maranhão, onde se celebrava o Espírito Santo na capital⁵, em Alcântara e em muitas cidades do interior. O Divino continuava imperando em Diamantina, onde é celebrado com tradicional suntuosidade e, com maior ou menor força, em pelo menos uma centena de cidades mineiras. No Rio de Janeiro, o Divino Espírito Santo imperava na cidade histórica de Paraty, em outras cidades do interior e em bairros da capital, como no Catumbi. No Tocantins, separado do Estado de Goiás em 1988, a Festa do Divino continuava a ser a mais popular de Natividade. Em Mato Grosso ainda ocorria em algumas cidades, mas sem expressão significativa. Ao contrário de Goiás, onde, além de Pirenópolis, o Divino Espírito Santo continuava sendo festejado com pompa nos municípios de Santa Cruz, Pilar, Goiás (a antiga Vila Boa), Palmeiras e Jaraguá, onde mascarados circulam na véspera do domingo de Pentecostes, assim como em Corumbá, onde também há cavalhadas. Em Luziânia, a festa acontece desde o século 19, e as cavalhadas do Divino foram revividas na última década (ALVES, 2004).

Em São Paulo, o Divino era festejado em várias cidades do Vale do Paraíba, sendo que a festa de São Luiz do Paraitinga - com bonecos gigantes, distribuição gratuita do "Afogado", prato típico tradicional, e ricas expressões de devoção, era a principal referência. As celebrações do Espírito Santo continuavam ocorrendo em Santa Catarina, onde são valorizadas como a *expressão mais significativa* da identidade cultural açoriana no Estado, bem como no Paraná e no Rio Grande do Sul (VEIGA, 2002).

⁵ Em São Luiz, as celebrações do Divino são das mais tradicionais do calendário de festas do Terreiro da Casa das Minas, como também são objeto de exposição permanente na "Casa da Festa", do Centro de Cultura Popular do Governo do Estado.

A bibliografia levantada e reunida para instrução do presente processo, em 2008, indicou a continuidade das Festas do Divino pelo Brasil afora. A propósito, julguei oportuno realizar uma pesquisa na Internet, utilizando o portal Google (www.google.com.br), acessado em 26/01/2010, que resultou em 726 menções a “Festas do Divino Espírito Santo”. Esse universo virtual permitiu vislumbrar a ocorrência de Festas do Divino, entre 2005 e 2009, em várias cidades do Arquipélago dos Açores, em Portugal, nos Estados Unidos e até no Canadá, nas regiões de emigração açoriana, confirmando que a Festa do Divino é transnacional, como constatou José Reginaldo Gonçalves (2007) em seus estudos.

No entanto, no Brasil ela se faz nacional, disseminada e popular em todas as regiões e em quase todos os Estados do país. Entre todas, as Festas mais citadas no portal do Google são a de Pirenópolis; a de Paraty; as de Mogi das Cruzes, São Luiz do Paraitinga e Piracicaba, em São Paulo; as de Alcântara e São Luiz, no Maranhão; as de Florianópolis, Santo Antônio de Lisboa e Santo Amaro da Imperatriz, em Santa Catarina; as de Jacobina e Salvador, na Bahia; as de Amarante e Oeiras, no Piauí; a de Jaguarão, no Rio Grande do Sul; a de Ouro Branco, no Rio Grande do Norte; e a do Vale do Guaporé, em Rondônia. Estas festas apresentam uma notável continuidade histórica, de mais de 500 anos, da festa do Divino Espírito Santo criada em Portugal, e podem ser consideradas uma mostra representativa do processo de formação da sociedade brasileira. Parafraseando Marina Macedo Soares, pode-se ler a história do Brasil nessas festas.

Pode-se dizer também que Iphan está tratando de reconhecer uma representação significativa desse universo, pois estão em andamento no âmbito do DPI o Registro da Festa do Divino de Paraty e o pedido de registro da Festa do Divino do Vale do Guaporé, além do Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis⁶. A primeira, uma das mais antigas, suntuosas e tradicionais do país, teve seu processo instaurado em 2007, e seu proponente, o Instituto Histórico e Artístico de Paraty,

⁶ Para ser plenamente representativa esta lista ainda deveria incluir algumas festas de São Paulo, da Bahia, de Minas Gerais, Maranhão, Santa Catarina...

estava tratando de proceder à pesquisa e documentação audiovisual da Festa em 2009, com recursos orçamentários do Iphan e apoio do Escritório Técnico local, sob a coordenação da Superintendência no Rio de Janeiro. Possivelmente a instrução do processo será concluída e submetida ao Conselho do Patrimônio Cultural neste ano de 2010.

Quanto à Festa de Guaporé, cujo pedido foi apresentado em 2009, ainda não foi instaurado o processo de registro, pois a documentação apresentada foi insuficiente para análise preliminar da proposta. Aguarda-se a complementação das informações, que já foi solicitada ao proponente – o Conselho Geral da Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé. De todo modo, encontrei várias menções na Internet a essa que é considerada a maior e mais antiga manifestação religiosa da fronteira brasileira, uma romaria fluvial, criada em 1894, que leva a bandeira do Divino a vários lugares do Vale do Guaporé durante 45 dias. Neste ano de 2010 ela vai se encerrar em Remanso, na Bolívia, no domingo de Pentecostes, 23 de maio, confirmando assim que os contextos culturais não respeitam fronteiras políticas e administrativas⁷.

A Festa do Divino de Pirenópolis

Voltando ao tema do presente processo, a Festa do Divino de Pirenópolis vem sendo realizada continuamente desde 1819, data de seu primeiro registro, quando a história local começou a colecionar a lista dos imperadores, atualizada e publicada na programação de cada ano (ver programas da festa no corpo do processo e no Anexo 5).

⁷ Conforme a Programação da Festa publicada em <http://betobertagna.com/2009/12/29/remanso-a-explosao-de-fe-do-divino-em-2010>. Cabe notar que Roberto Bertagna é o atual Superintendente do Iphan em Rondônia.

É considerada uma das mais expressivas celebrações do Espírito Santo no país, por estudiosos e especialistas citados na bibliografia. Essa notoriedade pode ser atribuída ao grande número de seus rituais, personagens e componentes, entre os quais se destacam as cavalhadas de mouros e cristãos e os mascarados montados a cavalo.

Profundamente enraizada no cotidiano dos moradores de Pirenópolis, a Festa do Divino determina os *padrões de sociabilidade local*, como se lê no Dossiê descritivo:

A cidade faz a festa e a festa faz a cidade. Através dela se marca o tempo, se reproduzem estruturas sociais e se conformam identidades coletivas e individuais (...) um jeito próprio de viver e sentir o mundo onde não há um tempo “antes” e um tempo “depois” da festa...(Dossiê descritivo, 4)

Há quem diga que são várias festas em uma só, devido à sua capacidade de aglutinar outras manifestações religiosas e culturais, de origens as mais diversas. Há quem diga que a festa não tem fim, já que mobiliza permanentemente – e não apenas durante os festejos – toda a comunidade local.

A festa faz circular as graças do Espírito Santo, que se multiplicam movendo-se pelo campo e pela cidade, entrelaçando vizinhos e parentes, através da fartura, da oração e da comensalidade.

A forma de agradecer ao Divino é a festa. E a certeza de receber suas bênçãos vem exatamente de se participar da festa trabalhando para o Divino, seja como Imperador ou cozinheiro, como folião, fogueteiro ou cavaleiro. A festa é solidária: nela só se acumula para redistribuir, seja qual for o lugar que cada um ocupa dentro dos festejos. É a partir deste lugar que se realiza a densa troca simbólica entre o Divino Espírito Santo e seus devotos.

JP

A devoção ao Divino explica a festa. E a festa explica a cidade, constituindo-se na fonte principal de sua identidade (Dossiê descritivo, 13).

Em torno da estrutura básica da celebração⁸ – as folias, a coroação de um imperador e o império, símbolos principais do ritual – os agentes da Festa do Divino de Pirenópolis vêm incorporando outros ritos e representações, como as encenações de mascarados e cavalhadas, já mencionadas e mais pastorinhas, operetas e peças teatrais, a celebração do Reinado de Nossa Senhora e de São Benedito e a reprodução da festa para as crianças, a Cavalhadinha. Todos estes elementos constitutivos da Festa do Divino de Pirenópolis estão detalhadamente identificados e documentados no presente processo e permitem definir o objeto que se pretende ver reconhecido como patrimônio cultural brasileiro.

O objeto do Registro

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Goiás, é uma celebração constituída por vários rituais religiosos e expressões culturais que se realiza a cada ano, desde 1819, do domingo de Páscoa até o domingo seguinte ao feriado de Corpus Christi, com seu clímax no Domingo de Pentecostes ou do Divino. Seus elementos essenciais são (Dossiê descritivo, 4-5):

- as Folias “da Roça” e “da Rua”, profundamente ritualizadas, que “giram” de dia e “pousam” à noite, durante uma semana, pelas fazendas da região e pela cidade, levando as bandeiras do Divino e angariando donativos para a festa;
- a coroa, as cerimônias e rituais do Império, com alvoradas, cortejos do Imperador, novena, jantares, cafés, missas cantadas, levantamento do

⁸ Conforme a descrição de Câmara Cascudo (1972), já mencionada, e geralmente aceita por estudiosos e especialistas de Festas do Divino e da cultura popular.

mastro, queima de fogos, distribuição de “verônicas”, sorteio e coroação do novo Imperador;

- as Cavalhadas, que encenam batalhas medievais entre mouros e cristãos – em honra do Imperador e do Espírito Santo – do domingo de Pentecostes até a terça-feira à noite, quando rezam ao Divino e descarregam as armas, encerrando o Império;
- os Mascarados – onças, capetas, caveiras, bois com grandes chifres enfeitados de flores e monstros, vestidos com roupas coloridas e brilhantes, que andam em bandos, a pé ou a cavalo – que saem no sábado, ao meio-dia, anunciando a abertura da festa na véspera de Pentecostes, e circulam pela cidade e no Campo das Cavalhadas, no intervalo das encenações;
- o Hino do Divino (1899), a Banda de Música Phoenix (1893), o Coral de Nossa Senhora do Rosário, a Banda de Couro ou Zabumba, que marcam os diversos rituais e cerimônias da celebração.

Outras expressões e rituais agregados à Festa, que também constituem referências culturais dos pirenopolinos e participam da rede de sentidos que ela articula, são:

- o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, antigas *festas de pretos*, que, deslocados de suas datas originais, foram agregadas ao Império do Divino há décadas e acontecem nas manhãs de segunda e terça-feira seguintes ao Domingo de Pentecostes, com seus Congos e Congadas e tradicionais distribuição de doces;
- a encenação de dramas e operetas (desde 1837), do auto natalino “As Pastorinhas” (desde 1923), os ranchões dançantes, a feira livre.

A Cavalhadinha é outra celebração constitutiva da Festa do Divino de Pirenópolis, realizada por crianças de até 12 anos, e incorporada à programação oficial em 1989. É a reprodução-mirim de todos os rituais da festa, menos as folias. Assim, brincando, as novas gerações aprendem os valores e referências da identidade cultural dos *pirenopolinos*, garantindo a continuidade da Festa do Divino.

Medidas de Salvaguarda

A pesquisa realizada para instrução do presente processo permitiu constatar que a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis *está com sua cadeia de transmissão garantida e não corre riscos de extinção*, como afirma o Dossiê descritivo:

Toda a comunidade local encontra-se envolvida com os festejos e possui formas próprias de transmitir seus valores para as próximas gerações, criando, inclusive, formas de festejar voltadas para a formação do gosto pela tradição em jovens e crianças.

Mais ainda: a comunidade local descreve a festa como patrimônio próprio de valor inestimável, investindo conscientemente na manutenção de suas tradições.

Mantêm-se conservados e atuantes os principais mecanismos de produção e reprodução da festa, os quais já foram indicados em vários momentos desta descrição: uma religiosidade profunda que encontra seu locus privilegiado de expressão na devoção ao Divino; redes de sociabilidade baseadas em relações de parentesco e vizinhança; a produção coletiva da festa; e formas tradicionais de inserção na festa através do envolvimento das famílias com os festejos (Dossiê descritivo, 115).

No entanto, durante a pesquisa foram observados alguns conflitos pontuais, quase sempre constitutivos da festa, mas cujas soluções são continuamente negociadas no âmbito da própria festa. Entre estes foram apontados no Dossiê as tentativas de manipulação do sorteio do Imperador por parte da Igreja; a grande dimensão (escala de massa) que vem adquirindo a Folia da Roça, com impactos negativos sobre a estrutura física dos pousos, sobre a expressão cultural e a devoção religiosa; as crescentes dificuldades de acesso dos mascarados e dos cavaleiros ao público das Cavalhadas, causadas pelo projeto do novo campo, popularmente denominado *Cavahódromo*; a *espetacularização* das Cavalhadas e o impacto negativo da utilização da Festa como atrativo turístico (Dossiê descritivo 115 -120).

Para enfrentar os problemas observados, as medidas de salvaguarda, de curto, médio e longo prazos, construídas e sugeridas no âmbito da pesquisa da Festa de Pirenópolis (Dossiê descritivo, 121-124) são as seguintes:

- reconhecer a Festa do Divino Espírito Santo como um patrimônio cultural brasileiro, por meio do seu Registro no Livro das Celebrações;
- fomentar nas iniciativas públicas e empresariais de Pirenópolis o compromisso permanente com o respeito à cultura local e com a garantia dos espaços de expressão da Festa do Divino;
- realizar a documentação dos repertórios musicais das Folias - benditos, cantorios, repentos e catiras; dos rituais religiosos do Império, especialmente da Orquestra e do Coral de Nossa Senhora do Rosário e da Banda Phoenix;
- estudar e documentar os ofícios e modos de fazer aplicados na preparação de personagens e atividades da festa, considerando a história de envolvimento familiar que dá forma à produção destes saberes: fundição de armas e acessórios para cavalos e cavaleiros; preparação da pólvora e dos tiros de toco; levantamento do mastro do Divino; confecção de flores, máscaras, bordados, bandeiras e adereços, entre outras habilidades e expressões;
- estudar e descrever a história das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito de Pirenópolis, que remontam ao período da mineração e há muito tempo desapareceram;
- estudar e descrever a história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, demolida na década de 1940 e cujo local é hoje considerado "Território Afro-Brasileiro" pela Fundação Cultural Palmares;
- estudar a história da Banda de Couro, a Zabumba, a primeira banda da cidade, e recuperar alguns toques de percussão que não são mais executados;
- publicar glossário da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, com base na descrição dos Bens Culturais no INRC, para ser distribuído às escolas, bibliotecas e centros de atendimento ao turista;

- realizar exposições de fotografia e exibir os vídeos produzidos para a instrução do processo de Registro, como forma de devolução do conhecimento produzido durante a pesquisa à população;
- criar mecanismos de consulta à população, para que esta se manifeste a respeito dos modos de proteção e manutenção da festa que considerem adequados, orientando e fortalecendo a construção de políticas de proteção e medidas de salvaguarda;
- regular as atividades turísticas no município de modo a promover o turismo cultural e o respeito às atividades da festa;
- implantar uma Escola Superior ou Conservatório de Música, para fortalecer a vocação musical da cidade e apoiar os talentos locais;
- lutar, junto às autoridades competentes e à sociedade local, pela implantação de políticas públicas de infra-estrutura, saúde e educação.

Proposição do Registro

Concluindo, o conhecimento reunido no presente processo pode ser sintetizado na página 12 do Dossiê Descritivo, onde se lê que a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis *apresenta todos os pressupostos que nos permitem entendê-la como um "fato social total": um sistema de produção e circulação de bens e de dádivas baseados na reciprocidade, interferindo em todas as dimensões da vida social (MAUSS, 1974).*

A Festa do Divino, continua o Dossiê, na página 121, *também permite a construção de um olhar dotado de certa profundidade histórica que informa que festa é essa, de onde vem e como veio, guardando em sua expressão contemporânea inúmeros traços que podem ser reencontrados em outras Festas do Divino no Brasil, em qualquer tempo.*

Do mesmo modo, ela informa sobre o eterno refazer das festas religiosas populares, que nada mais são do que um grande diálogo entre as festas medievais européias, trazidas com a colonização, refletindo as diversas transformações econômicas e culturais que fizeram das Minas de Nossa Senhora do Rosário da Meia Ponte de ontem a Pirenópolis de hoje (Dossiê descritivo, 121).

Pelo exposto, creio que estão suficientemente apresentados no presente parecer os argumentos capazes de fundamentar a decisão quanto à pertinência do Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, no Livro das Celebrações, e seu consequente reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil.

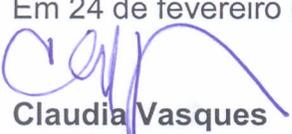
É este o nosso parecer.

Brasília, 27 de janeiro de 2010



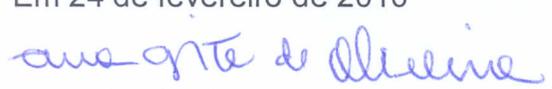
Ana Claudia Lima e Alves
Técnico IV - Mat. 224029
Coordenação de Registro

De acordo.
À Coordenadora Geral de Identificação e Registro,
para os demais encaminhamentos.
Em 24 de fevereiro de 2010



Claudia Vasques
Coordenadora de Registro

De acordo.
À Diretora do DPI,
Para os devidos encaminhamentos.
Em 24 de fevereiro de 2010



Ana Gita de Oliveira
Coordenadora Geral de Identificação e Registro DPI/Ipphan



M I N I S T É R I O D A C U L T U R A			
	I P H A N INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Memorando n° 067/10 GAB/DPI	Data: 25/02/2010

Ao: Sr. Antonio Fernando Alves Leal Neri
Procurador Chefe

Assunto: Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis

Senhor Procurador,

Tenho prazer de encaminhar a Vossa Senhoria o Processo n° 01450.000715/2010-15 com o parecer deste Departamento do Patrimônio Imaterial relativo ao *Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis*, Goiás, para exame e pronunciamento. O Processo em tela consta de um volume, contendo os documentos originais dos pedidos de Registro e cartas de anuência, programas e convites da festa de 2008 e o Dossiê descritivo ilustrado, além das correspondências de encaminhamento do Iphan. Os demais documentos e publicações, produzidos ou reunidos pela pesquisa, em diferentes suportes, constituem os seguintes anexos do processo:

- Anexo 1 – Relatório do INRC – 5 volumes – versão impressa
- Anexo 2 – Relatório do INRC – versão digital
- Anexo 3 – DVD de Fotos digitalizadas da Festa do Divino 2008 (1)
- Anexo 4 – DVD de Fotos digitalizadas da Festa do Divino 2008 (2)
- Anexo 5 – Programas da Festa (de 1991 a 2007, incompleto);
- Anexo 6 – Arquivo Digital de Cartazes da Festa (vários anos);
- Anexo 7 – Vídeo versão curta (25 min);
- Anexo 8 – Vídeo versão longa (1h50min);

ra. Carlos Rodrigues Brandão, >

o de Pirenópolis – Goiás. Pesquisa e Texto de
es. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008, Catálogo de
sta Popular; n.142;

o do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polarid
o de um rito. Felipe Berocan Veiga, Niterói: Departame
a/UFG, 2002 (Dissertação de Mestrado);

14 – A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Se
retos e o Juizado de São Benedito. Teresa Caroline Lobo, G
studos Socioambientais – IESA/UFG, 2006, (Dissertação

Aproveitamos para encaminhar, também, uma sugestã
viso no Diário Oficial da União.

Atenciosamente,


Marcia Sant'Anna
Diretora do DPI